



## Educação Financeira como possibilidade de uma Educação Libertadora

**Fabio Alves Menecucci<sup>1</sup>**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

**Lucas Carato Mazzi<sup>2</sup>**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

### RESUMO

Neste trabalho revisitamos uma pesquisa de mestrado recém defendida pelo primeiro autor, sob a orientação do segundo, que tinha como objetivo geral compreender o que se mostra em diálogos de cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática ao se reunirem para discutir temas correlatos à Educação Financeira (EF). Nesse movimento de revisitação, percebemos convergências entre as discussões realizadas pelos participantes e alguns dos ideais freirianos. Posto isso, situados em uma sociedade neoliberal, buscando uma EF crítica e libertadora, os conceitos freirianos como consciência crítica, diálogo, situação-limite e inédito viável são explorados. Feito isso, expõe-se que o artigo tem cunho qualitativo, articulando as falas dos sujeitos da pesquisa de mestrado em questão com os conceitos aqui apresentados, bem como com outros autores para assim constituir uma visão mais abrangente e fundamentada sobre o tema. Por fim, é apresentado que a EF pode ser uma ferramenta para uma educação crítica e que as obras de Paulo Freire iluminam este caminho, desafiando os indivíduos a ultrapassar limites, a sonhar, a cultivar a esperança e, principalmente, a questionar o sistema neoliberal vigente.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Neoliberalismo; Educação Matemática; Consciência Crítica; Educação Financeira.

### Financial Education as the Possibility of Liberating Education

### ABSTRACT

In this work we revisit a master's degree research recently defended by the first author, under the guidance of the second, whose general objective was to understand what is shown in dialogues between citizens-teachers-postgraduate students in Mathematics Education when they come together to discuss topics related to Financial Education (FE). In this revisiting movement, we noticed convergences between the discussions held by the participants and some of Freire's ideals. That said, seeking a critical and liberating FE, Freirean concepts such as critical consciousness, dialogue, limit situation and viable newness are explored. Having done this, it is stated that the article has a qualitative nature, articulating the speeches of the subjects of the master's research in question with the concepts presented here, as well as with other authors in order to constitute a more comprehensive and well-founded view of the topic. Finally, it is presented that FE can be a tool for critical education and that Paulo Freire's works illuminate this path, challenging individuals to overcome limits, to dream and cultivate hope and, mainly, to question the current neoliberal system.

**Keywords:** Paulo Freire; Neoliberalism; Mathematics Education; Critical Consciousness; Financial Education.

---

Submetido em: 09/02/2024

Aceito em: 10/06/2024

Publicado em: 01/08/2024

<sup>1</sup> Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5533-0195>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5819707532657775>. E-mail: [fabio.menecucci@unesp.br](mailto:fabio.menecucci@unesp.br).

<sup>2</sup> Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3395-3724>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8557805718202666>. E-mail: [lucas.mazzi@unesp.br](mailto:lucas.mazzi@unesp.br).

## **Educación Financiera como Posibilidad de una Educación Liberadora**

### **RESUMEN**

En este trabajo revisitamos una investigación de maestría recientemente defendida por el primer autor, bajo la dirección del segundo, cuyo objetivo general fue comprender lo que se muestra en los diálogos entre ciudadanos-docentes-estudiantes de posgrado en Educación Matemática cuando se reúnen para discutir temas relacionados con la Educación Financiera (EF). En este movimiento de revisión, notamos convergencias entre las discusiones sostenidas por los participantes y algunos de los ideales de Freire. Dicho esto, situado en una sociedad neoliberal, buscando una EF crítica y liberadora, se exploran conceptos freudianos como conciencia crítica, diálogo, situación límite y lo inédito viable. Hecho esto, se afirma que el artículo tiene un carácter cualitativo, articulando los discursos de los sujetos de la investigación de maestría en cuestión con los conceptos aquí presentados, así como con otros autores con el fin de constituir una visión más integral y fundamentada. visión del tema. Finalmente, se presenta que la EF puede ser una herramienta para la educación crítica y que las obras de Paulo Freire iluminan este camino, desafiando a los individuos a superar límites, a soñar y cultivar la esperanza y, principalmente, a cuestionar el sistema neoliberal actual.

**Palabras clave:** Paulo Freire; Neoliberalismo; Educación Matemática; Conciencia Crítica; Educación Financiera.

### **INTRODUÇÃO**

Pesquisar, segundo Bicudo (1993), é a ação de explorar uma interrogação, buscando constantemente suas diversas dimensões. No contexto da pesquisa qualitativa, esse processo é iterativo, com o pesquisador incorporando continuamente perspectivas e abordagens ao objeto de estudo, aprofundando a compreensão do fenômeno em um processo quase infundável, não necessariamente porque a interrogação se esgote, mas devido a prazos ou novas questões intrigantes.

A pesquisa qualitativa, caracterizada pela ênfase em métodos descritivos e influenciada pela subjetividade, implica em interpretações variáveis, não representando uma verdade absoluta. Mesmo o que é considerado ‘verdadeiro’ é fluido e está sujeito a alterações ao longo do tempo. Isso porque, o compromisso contínuo com a exploração e compreensão aprofundada do tema caracteriza a natureza do pesquisar qualitativamente.

Diante disso, acreditamos que visitar uma pesquisa que fora finalizada é um movimento natural quando o pesquisador entende que seu objeto de estudo não se esgotou ou, ainda, que há outros sentidos e dimensões passíveis de serem agregadas ao que foi investigado. Essa abordagem requer humildade por parte do pesquisador, reconhecendo que sempre haverá certa ignorância em seu entendimento, abrindo espaço para novas compreensões e, conseqüentemente, novas ignorâncias, em um processo de buscar mais. Esse processo contínuo de busca é destacado por Freire (1983, p. 31) ao defender que

[...] Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do que se sabe (enquanto alguém atua). É sabendo que se sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem,

como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber.

Ao corroborarmos Freire, não afirmamos que o pesquisador desconhece o fenômeno estudado; ao contrário, reconhecemos a natureza dinâmica e inacabada do conhecimento humano. Conscientes de nossa limitação e nosso inacabamento, entendemos que há sempre mais a aprender. A noção de um conhecimento absoluto implicaria estagnação, enquanto vemos os seres humanos como historicamente envolvidos em um constante movimento de busca e descoberta, transformando o que lhe é conhecido ao longo do tempo (Freire, 1983). Assim, para nós, o conhecimento é um processo ativo e contínuo, exigindo disposição para aprender, reconhecimento de limitações e abertura constante para adquirir mais sabedoria.

Nesta perspectiva, entendemos que a pesquisa é um contínuo diálogo entre o conhecimento existente e o conhecimento possível, sendo uma jornada em que visitar conceitos e estudos passados não é apenas uma escolha, mas uma necessidade para a constituição de uma compreensão mais profunda e emancipadora do mundo.

Tendo em vista tais pressupostos, neste artigo revisitamos a pesquisa de mestrado do primeiro autor<sup>3</sup>, assumindo, agora, uma lente freiriana. Na dissertação em questão, ao estudar o que se mostra em diálogos de cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática<sup>4</sup> ao se reunirem para discutir temas correlatos à Educação Financeira (EF), o autor abordou conceitos de Paulo Freire de maneira predominantemente indireta. Neste momento, então, temos como objetivo aprofundar as discussões iniciadas sobre consciência crítica, diálogo, situação-limite e inédito viável na pesquisa supracitada.

Durante este artigo, reconhecemos trechos explícitos ou indícios dos ideais freirianos na dissertação que o inspira, ao mesmo tempo em que percebemos a oportunidade de aprofundamento. Assim, despojamo-nos do que já estava estabelecido na dissertação em prol de novos olhares e novas perspectivas.

Para alcançar nosso objetivo, expomos, de forma breve, o modo como o estudo anteriormente aludido foi realizado e quais referenciais influenciaram as compreensões dos autores. Após esta apresentação, são discutidos os conceitos de consciência crítica, diálogo,

---

<sup>3</sup> A dissertação aludida é intitulada “Neoliberalismo, consumismo e Educação Financeira: reflexões de cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática” e publicada no ano de 2023.

<sup>4</sup> Optou-se por utilizar o termo ‘cidadãos-professores-estudantes’ separado por hífen, pois, durante a pesquisa, tais características foram indissociáveis dos indivíduos retratados. Já que ao mesmo tempo os sujeitos expressaram suas considerações como cidadãos; suas preocupações como professores e suas compreensões como estudantes de uma disciplina de pós-graduação; dentre outros pontos que os transpassam.

situação-limite e inédito viável, para, posteriormente, elencarmos uma discussão sobre uma EF crítica e libertadora.

### **SOBRE A PESQUISA REVISITADA**

A pesquisa de mestrado que aqui revisitamos teve uma abordagem qualitativa com análise fenomenológica e, conforme posto anteriormente, buscou investigar perspectivas, aspectos e posturas que os cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática trazem consigo e expressam ao discutirem temas relacionados à EF.

A produção de dados ocorreu durante um curso de 90 horas intitulado ‘Educação Financeira sob uma Perspectiva Crítica’, ministrado pelo orientador da dissertação e segundo autor deste artigo, para uma turma do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, entre março e junho de 2021.

Ao longo desse período, foram realizados 14 encontros semanais de forma remota, devido à pandemia de Covid-19. O curso tinha como objetivo estimular reflexões sobre EF no contexto da Educação Matemática, fundamentado por uma abordagem crítica inspirada em ideais freirianos e preocupações da Educação Matemática Crítica. Como parte da avaliação, uma das atividades consistia na criação de vídeos de 4 a 6 minutos sobre um tema relacionado à EF, em grupos de até 4 pessoas.

Os participantes tinham a opção de gravar voluntariamente as reuniões de discussão sobre a concepção e produção dos vídeos, compartilhando esses registros para integrar os dados da pesquisa. Dos 27 alunos matriculados, 15 optaram por participar do estudo, formando assim 5 grupos<sup>5</sup>. Com isso, o foco da análise recaiu nas discussões realizadas por eles durante as reuniões, não no vídeo em si.

Dentre as discussões que emergiram na pesquisa, o Neoliberalismo foi um dos principais pontos que atravessou os discursos dos participantes. Deste modo, na próxima subseção, apresentamos o que compreendemos por este tópico, além de esclarecer algumas problemáticas acerca da EF, com o propósito de iniciar discussões relacionadas aos temas abordados por Paulo Freire e explorar como seus ideais podem se integrar com a EF.

### **Neoliberalismo e Educação Financeira**

---

<sup>5</sup> Os temas retratados nos vídeos foram: Consumo x consumismo; O abismo social entre os bilionários e as demais pessoas; Impostos; A desvalorização do real; e Os impactos do auxílio emergencial durante a pandemia.

Política, sociedade e economia – governo, comunidade e finanças, influenciam, de modo característico e/ou múltiplo, na forma como os indivíduos se percebem e enxergam o mundo ao seu redor. Situados em uma sociedade neoliberal, vivemos em constante incentivo à busca do enriquecimento pessoal de forma individualista e competitiva, uma vez que, no neoliberalismo, somos os únicos responsáveis pelos nossos méritos e, principalmente, deméritos (Harvey, 2005; Machado et al., 2023). Assim o modo como somos levados a olhar para os homens e as mulheres é como seres isolados, egocêntricos e mercantilizáveis. Isso ocorre porque o

neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro (Harvey, 2005, p. 12)

O sistema neoliberal, quando visto do ponto de vista econômico, emprega estratégias para estimular a competição, visto que esta é o principal aspecto de tal sistema (Dardot; Laval, 2016), visando ao crescimento econômico de países do norte global e ao aumento da demanda por produtos, por meio do estímulo ao consumo desenfreado. Porém, disso decorre a privatização de setores, a redução do envolvimento do Estado no bem-estar social, a diminuição das proteções trabalhistas e a redefinição do papel econômico do Estado (Dardot; Laval, 2016; Menecucci, 2023). Nesse contexto, o Estado é visto meramente como um regulador de mercados e, às vezes, como um criador de oportunidades de mercado (Harvey, 2005).

É preciso que fique claro, contudo, que o neoliberalismo vai além de uma ideologia econômica. O aspecto mais forte desse sistema, talvez, seja a força que encontrou em produzir uma “subjetivação contábil e financeira”, isto é, ele reforça e incentiva uma concorrência sistêmica entre cada um dos indivíduos, objetivando “produzir uma relação do sujeito individual com ele mesmo que seja homóloga à relação do capital com ele mesmo” (Dardot; Laval, 2016, p. 31).

Para expandir essa subjetivação, o neoliberalismo encontrou nas escolas e nas instituições de ensino, de modo geral, espaços profícuos para sua manutenção e disseminação de suas crenças e ideologias. Nota-se, que as “ofensivas neoliberais na

educação visam transformá-la em um negócio lucrativo e produzir cidadãos-consumidores obedientes e passivos (a futura força de trabalho)” (Avci, 2018, p. 24-25).

Assim, a educação é fundamentalmente vista como um domínio com imenso potencial de lucro, seja perpetuando ideias neoliberais ou comercializando-as (Menecucci, 2023). Essas discussões, contudo, não são recentes. Já no início do século XXI, Laval (2004) argumentava que esse impacto neoliberal na educação visava transformá-la em um bem essencialmente privado, sendo, acima de qualquer coisa, de valor econômico, tornando os estudantes em meros peões que contribuem para o fortalecimento das elites econômicas. Surge, assim, a ideia de uma escola neoliberal, assumindo um tipo de educação que visa promover uma abordagem orientada pelo mercado e fundamentada pela competição. Ela enfatiza a privatização, a descentralização, a autonomia das escolas e a ênfase nos resultados quantificáveis, como testes padronizados e métricas de desempenho (Freitas, 2018).

Freire já alertava em suas obras que o discurso neoliberal “insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar ‘quase natural’ ” (Freire, 2011, p. 19), o que acarreta que, do ponto de vista neoliberal, “só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência” (Freire, 2011, p. 20). Entendemos, com isso, que a educação desempenha um papel substancial na manutenção do neoliberalismo e exerce influência sobre a sociedade, especialmente no contexto da EF.

Para entender o papel da EF no contexto do sistema neoliberal, é necessária uma análise histórica. Essa breve retrospectiva auxilia na compreensão das vertentes existentes e o processo de mudança e/ou continuidade dessa concepção ao longo dos anos. Inicialmente, voltamos a 2003, quando a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) iniciou o primeiro estudo global sobre EF. Esse estudo resultou no Projeto de Educação Financeira em 2005, com o objetivo de orientar os países membros da OCDE na oferta de EF para seus cidadãos. O projeto enfatizou a importância de equipar os cidadãos com ferramentas básicas para gerenciar seus orçamentos e finanças de forma eficaz.

Por meio dele, compreendemos que a Organização (OCDE, 2005) entende a EF como um meio para os indivíduos adquirirem a capacidade de gerenciar seus recursos financeiros de forma eficiente, adquirindo a capacidade de aplicar seu conhecimento e habilidades na gestão eficaz de seus recursos monetários, visando garantir seu bem-estar pecuniário. Nessa perspectiva, a OCDE elaborou uma definição para a EF, considerando-a

[...] o processo pelo qual os consumidores financeiros/ investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ ou aconselhamento, objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p. 26).

Comprendemos que essa vertente está fundamentalmente ligada à acumulação e gestão de recursos, isto é, ao aprender a ganhar, economizar e investir dinheiro, os indivíduos têm o potencial de aumentar sua renda, levando a uma melhor qualidade de vida a curto, médio e longo prazo. Contudo, não se fala no papel que o Estado possui em todas essas questões, tornando o indivíduo o responsável por todos seus movimentos. Importante esse modo de pensar a EF, em 2010, o Brasil criou sua Estratégia Nacional de Educação Financeira – Enef, com os objetivos de

promover e fomentar uma cultura de educação financeira no país [...] ampliar a compreensão do cidadão para efetuar conscientes relativas à administração de seus recursos [...] e contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros e de fundos de previdência e de capitalização (Brasil, 2017, p. 20).

Diante desse objetivo e dos documentos que dão suporte à Enef, observamos uma forte confluência entre a concepção desta e da OCDE. Ambas as visões estão centradas, predominantemente, em aspectos econômicos, negligenciando abordagens reflexivas e a dimensão humana envolvida nesses processos (Baroni, 2021; Mazzi; Baroni, 2021; Menecucci, 2023).

Defrontados com tais críticas, vemos na EF a possibilidade de ser mais uma ferramenta do sistema neoliberal para a naturalização de seus ideais individualistas e materialistas, pois, no neoliberalismo, o “dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal” (Freire, 2013, p. 17). De modo que *ter* e *ser* se confundem e só se é, aquilo que se tem, uma vez que segundo essa ideologia as pessoas acabam “valendo pelo que ganham em dinheiro por mês” (Freire, 2000, p. 31).

Apesar dessa abordagem bastante disseminada nos diferentes espaços, acreditamos que a EF pode contrariar essa perspectiva, incentivando os cidadãos a analisar criticamente as situações econômicas e sociais ao seu redor, visando melhorar a qualidade de vida de maneira ética e sustentável em nível pessoal, familiar e social. Ademais, ao se confrontarem com outros, os indivíduos têm a possibilidade de se enxergarem como agentes

transformadores da sociedade, capazes de promover mudanças significativas que vão além de reformas superficiais e ajustes momentâneos. Essa abordagem requer uma análise profunda das estruturas e do contexto histórico, buscando compreender e modificar as raízes dos sistemas em consideração, desafiando-o, submetendo-o a prova e questionando suas premissas fundamentais e estruturas subjacentes (Freire, 1980).

Conforme afirmam Mazzi e Baroni (2021), considerar a EF apenas para educar sobre dinheiro implica uma perspectiva orientada para o mercado e sugere um papel passivo para o cidadão, cuja única responsabilidade é consumir da melhor maneira possível. Para alcançar uma abordagem mais ampla e socialmente justa da EF além do nível individual, é essencial fomentar a compreensão e o desenvolvimento de habilidades, comportamentos, atitudes e valores relacionados às finanças, adentrando suas implicações nos âmbitos social, ambiental, ético, psicológico e político (Menecucci, 2023).

Ao pensarmos no âmbito educacional, esse processo engloba tanto aspectos matemáticos quanto não-matemáticos, permitindo que os alunos analisem de forma crítica assuntos econômicos e financeiros (Hartmann, 2021), com o objetivo final de promover a justiça social. Assim, é urgente possibilitar aos cidadãos “meios de gerenciar suas vidas financeiras de forma autônoma e avaliar criticamente as consequências dessa organização” (Baroni, 2021, p. 239). Dessa forma, apresentamos nossa aspiração de abordar a EF como um meio de questionar o *status quo* e, com base nisso, promover transformações enraizadas em princípios éticos, sociais e sustentáveis.

Diante disso, embora a EF ou o neoliberalismo não sejam o foco principal da vasta obra de Paulo Freire, encontramos em suas ideias e princípios uma fonte de inspiração. Entendemos, ainda, que as obras de Freire podem nos possibilitar olhar para a EF para além do acúmulo do capital, principalmente no que tange os conceitos de consciência crítica, diálogo, situação-limite e inédito viável. Pois, consideramos essas concepções de notável relevância no contexto da constituição de uma EF que seja emancipadora e crítica. Dessa forma, na próxima seção, aprofundaremos nossos estudos sobre Freire, explorando parte de seus ideais e ampliando nossas perspectivas.

## **CONCEPÇÕES FREIRIANAS: EXPLORANDO HORIZONTES E REFLEXÕES**

Ao buscarmos uma EF que confronte o ideal neoliberal, entendemos que uma educação que transcenda os moldes convencionais e promova a criticidade como ferramenta

para a transformação da realidade de modo a superar a racionalidade do mercado torna-se evidente. De acordo com Streck, Redin e Zitzoski (2017, p. 128), a criticidade, conforme concebida por Freire, representa a “capacidade de educandos e educadores refletirem criticamente a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la”. Uma abordagem educacional que preza pela criticidade visa ir além dos conteúdos curriculares, buscando possibilitar aos indivíduos superarem limitações que impactam suas vidas e até mesmo suas existências.

Ao refletirmos sobre a educação como meio de emancipação, surge a necessidade de considerar o papel do indivíduo dentro da sociedade. Freire (2000, p. 57) aponta para a opressão que muitas vezes leva as pessoas a acreditarem que “mudar é sempre difícil, quase impossível”. Contudo, é fundamental entender-se como sujeito histórico e social, capaz de se tornar um agente transformador ao exercer a reflexão crítica, a opinião, a luta pelos direitos e o poder de sonhar (Freire, 1997). Nesse sentido, Freire (2013) sugere que é necessário um movimento contínuo de passagem da consciência ‘intransitiva’ para ‘transitiva ingênua’ e para ‘transitiva crítica’ para a compreensão e transformação do mundo.

A ‘consciência intransitiva’, conforme delineada por Freire (1981, p. 65), é característica do indivíduo que possui uma “limitação de sua esfera de apreensão”, ou ainda que “impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa”, de modo que há quase um “incompromisso do homem [e da mulher] com a existência” (Freire, 1981, p. 65, acréscimo nosso). Isso é, ‘consciência intransitiva’ se refere a uma forma de compreensão limitada da realidade, em que os interesses das pessoas se concentram principalmente em aspectos básicos e biológicos. A preocupação central é com a sobrevivência e as necessidades vitais, faltando, assim, uma perspectiva mais ampla e histórica.

O autor salienta, porém, que “o conceito de “intransitividade” não corresponde a um fechamento do homem dentro dele mesmo, esmagado, se assim o fosse, por um tempo e um espaço todo-poderosos. O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto” (Freire, 1981, p. 65). Assim, a intransitividade não é algo próprio do homem e da mulher, mas uma impossibilidade social de transformar sua existência em uma narrativa mais ampla e significativa, deixando de lado a compreensão de questões que vão além do básico para abraçar desafios mais amplos e históricos.

Já a consciência transitiva ingênua é caracterizada por uma interpretação mais simplista dos problemas, apresentando uma argumentação um tanto quanto fragilizada e sem

uma estrutura rígida o suficiente para lhe dar sustento. Apesar do caráter fantasioso da consciência transitiva ingênua, Freire (1981, p. 66) pontua que há uma ampliação dos horizontes, em que “responde-se mais abertamente aos estímulos”, isto é, é estabelecido uma contradição social, uma vez que o indivíduo percebe a sociedade, mesmo que não a interprete de forma correta e permaneça no conformismo.

É neste contexto que emergem o fanatismo e a nostalgia que idealizam o passado como superior, menosprezando a experiência dos indivíduos comuns (Freire, 1981). Ao recorrer ao passado, muitas vezes, a pessoa não considera que suas memórias são permeadas por emoções e subjetividades, não correspondendo necessariamente à realidade objetiva. Além disso, há uma propensão a aceitar explicações simplificadas ou fantasiosas para os fenômenos sociais, evitando uma investigação profunda das verdadeiras causas dos problemas e transferindo a responsabilidade de resolvê-los para outras pessoas e instituições. Na fase da 'consciência transitiva ingênua', conforme delineada por Streck, Redin e Zitkoski (2017), as pessoas começam a perceber questões sociais, mas ainda não atingiram um nível de reflexão e ação que permitiria a busca por soluções mais fundamentais e a tomada de iniciativas efetivas para a mudança.

O estágio seguinte desse processo é a ‘consciência transitiva crítica’, também chamada de ‘consciência crítica’ por Freire (1981, p. 67), que resulta de uma “educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política”. Essa fase é caracterizada pela “profundidade na interpretação dos problemas” (Freire, 1981, p. 78), substituindo explicações mágicas por princípios causais e lógicos. A consciência transitiva crítica busca verificar e confirmar descobertas, mantendo-se aberta a reavaliar e revisar entendimentos prévios, exigindo uma análise dos problemas sem preconceitos para evitar distorções ou interpretações tendenciosas (Freire, 1981). Assim, conforme destacado por Streck, Redin e Zitkoski (2017, p. 114), a consciência transitiva crítica “caracteriza-se pela profundidade com que interpreta os problemas e pelo engajamento sociopolítico”.

Essa forma de consciência implica que o indivíduo não atribua a outros ou a instituições a responsabilidade pela resolução dos problemas. Pelo contrário, ela destaca a compreensão da própria responsabilidade pelas ações e decisões, promovendo uma postura ativa e engajada em oposição a uma atitude passiva ou resignada diante das situações (Freire, 1981). Ao avançar em direção à consciência crítica, busca-se, conforme Freire (1981, p. 67), “segurança na argumentação, pela prática do diálogo e não da polêmica, pela receptividade ao novo e pela não-recusa ao velho, apenas porque velho, mas pela aceitação de ambos como

válidos”. Nesse contexto, o indivíduo procura um embasamento sólido e confiança ao apresentar argumentos, optando pelo diálogo em vez de confrontos e controvérsias. Isso implica uma predisposição para questionar, investigar e discutir assuntos de forma democrática, expondo conjecturas de maneira construtiva e aberta. O processo de movimento da consciência, desde a intransitiva até a crítica, está relacionado aos “graus de compreensão da realidade e sua relação com o condicionamento histórico-cultural” (Streck, Redin, Zitkoski, 2017, p. 114). Ao considerar o condicionamento histórico-cultural, o indivíduo se percebe como agente de transformação social, abrangendo diversos aspectos de forma dialógica e democrática.

Freire (1981) destaca que a mudança na consciência ocorre simultaneamente à transformação do mundo, pois estão intrinsecamente ligados. A consciência transitiva crítica não é apenas um conjunto de ideias, mas se manifesta no comportamento prático das pessoas, sendo engajada e ativa na sociedade. Já que “não existe mundo sem consciência, assim como também não pode haver consciência sem mundo. A consciência transitiva crítica é engajada, ela significa o mundo num comportamento corpóreo: é “lógos e práxis transformadora.” (Streck, Redin, Zitkoski, 2017, p. 115). Ela se faz em ações transformadoras, envolvendo o pensamento (lógos) e a prática (práxis). Ademais, salientamos que esse movimento entre as consciências não ocorre de maneira isolada e definitiva, nem mesmo independente de outros contextos, como ressaltado por Freire (1981) e notas de aula da Prof.<sup>a</sup> Ana Paula Malheiros<sup>6</sup>.

Em vez disso, ao longo do tempo, ele vai agregando cada vez mais entendimentos sobre a situação em questão contribuindo, para uma transformação gradual da realidade. Esse processo contínuo de compreensão indica que a consciência é dinâmica e evolui constantemente, em vez de ser estática e imutável. Dessa forma, a Figura 1 ilustra o que entendemos o movimento fluido de transição entre as concepções de consciência apresentadas por Paulo Freire (1981).

---

<sup>6</sup> Durante o segundo semestre de 2023, a Professora Doutora Ana Paula dos Santos Malheiros ministrou a disciplina "Paulo Freire e Educação Matemática" no mesmo curso que a dissertação fora desenvolvida. O objetivo da disciplina foi discutir aspectos fundamentais da concepção de Educação como Prática Libertadora de Paulo Freire, além de analisar a relação entre o autor e a Educação Matemática e como suas ideias inspiraram práticas freirianas nesse contexto específico.

**Figura 1** - Transição da consciência e sua espiral



Fonte: Elaboração própria

A imagem apresenta uma espiral que representa as três consciências, cada uma identificada por uma cor, ocorrendo simultaneamente, indicando que sempre há consciência de algo, mas nunca de forma plena. Durante esse processo de transição, o indivíduo é desafiado a compreender a realidade, identificar possíveis ações e, por fim, transformar seu ambiente. Assim, o movimento entre as consciências é uma escolha individual que ocorre em um contexto coletivo, e o papel do professor é provocar, incentivando a pessoa a aceitar esse convite (Freire, 1981). Um elemento crucial em todo esse processo é o diálogo.

O diálogo pode ser entendido como “o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo” (Freire, 1980, p. 42), sendo um meio fundamental para a interação e a constituição de significado entre os indivíduos, permitindo-lhes atribuir sentido ao mundo e a si mesmos. Streck, Redin e Zitkoski (2017) ressaltam o diálogo como um processo dialético-problematizador que nos possibilita perceber o mundo como um processo em desenvolvimento. Ele nos oferece uma lente para compreender a dinâmica contínua e a transformação constante da realidade. O diálogo, então, é um pilar fundamental para uma educação emancipadora, permitindo o movimento do estudante de uma consciência intransitiva para transitiva crítica. Por meio de uma educação problematizadora, não apenas se viabiliza esse movimento, mas também o rompimento da relação de poder professor-educando, em que

(a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve a sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele; (i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (Freire, 2013, p. 34)

Agora, pelo diálogo, o professor “(...) já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (Freire, 2013, p. 39). Assim, a dialogicidade pressupõem o encontro dos interesses e anseios de educadores e educandos, de modo que eles se identifiquem uns com os outros, para que haja uma troca sincera e amorosa. Portanto, diálogo não é técnica, método, conversa solta, mas sim um meio para uma práxis<sup>7</sup> transformadora. Contudo, para que isso ocorra, é necessário humildade, pois

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens [e as mulheres] que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem [e mulher] quanto os outros, é que lhe falta ainda muito para caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens [e mulheres] que em comunhão, buscam saber mais (Freire, 2013, p.46, acréscimo nosso).

Assim, aqueles que não possuem humildade, ou que a perderam, não conseguem compreender o mundo comum. Com isso, a reflexão sobre a humildade e seu papel na compreensão do mundo comum nos leva a considerar o diálogo como meio essencial para o crescimento coletivo, conforme discutido anteriormente. No contexto dessa compreensão, abordaremos agora a natureza transformadora do diálogo, explorando como, nas obras de Freire, a transformação ocorre na relação dialógica entre homens e mulheres inseridos no mundo, engajados no trabalho<sup>8</sup>. Essa perspectiva reforça a ideia de que, ao ressignificar o

---

<sup>7</sup> Entendemos a práxis como uma “.../ atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo /.../ É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa de reflexão, de autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática” (Konder, 2018, p. 115).

<sup>8</sup> Na obra de Freire, trabalho se refere à vocação ontológica do ser mais e é entendido como condição fundamental para a humanização. Nessa perspectiva, o trabalho vai além da produção de mercadorias, sendo uma prática cultural essencial para o ser humano, sendo também histórica ao se mostrar em diversos modos ao longo do tempo. Ao desenvolver cultura, os indivíduos, por meio de uma atitude crítica constante superam ajustamentos e compreendem os desafios (Freire, 1980, 2013; Streck, Redin, Zitkoski, 2017).

existente em busca de humanização e emancipação, a relação dialógica torna um ambiente em um cenário propício para a emergência da transformação social.

Apesar do diálogo poder ter um caráter transformador, o indivíduo, ao interagir com o mundo, muitas vezes sucumbe ao fatalismo, isto é, as pessoas frequentemente se percebem como incapazes de se libertar das dinâmicas sociais, resultando em uma aceitação passiva do que lhes é imposto (Streck, Redin, Zitkoski, 2017). Esse estado de paralisia é equivalente à consciência intransitiva, em que a compreensão limitada impede a visão de possibilidades mais amplas e significativas na vida. A falta de percepção para transcender desafios contextualizados historicamente mantém o indivíduo numa posição de impotência e resignação.

Freire (2013) explora a falta de consciência da própria submissão e a sensação de impotência diante das 'situações-limite', que “se apresentam aos homens [e às mulheres] como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se” (Freire, 2013, p. 102, acréscimo nosso). Ao não reconhecerem as contradições nesses momentos críticos, as pessoas não conseguem ver oportunidades para romper com a submissão ou compreender como abordar de maneira diferente as demandas impostas, uma vez que essas situações-limite “implicam a existência daqueles a quem direta ou indiretamente “servem” e daqueles a quem “negam” e “freiam”” (Freire, 2013, p. 102).

Diante desse cenário, ao considerarmos o potencial transformador do diálogo, podemos interpretar as situações-limite de duas maneiras: como um ponto crítico em que as condições de opressão e injustiça atingem um ápice, demandando uma transformação radical aparentemente impossível; ou como um momento em que as contradições e desigualdades sociais se tornam insustentáveis, gerando uma urgência para a conscientização e ação (Freire, 2013). Essa abordagem possibilita o questionamento do status quo e o engajamento em processos de conscientização que podem resultar em mudanças significativas na sociedade. O primeiro olhar é o fatalista, que se conforma e permanece inerte. Já o segundo reflete a perspectiva de Freire (2013), na qual homens e mulheres percebem oportunidades nos momentos críticos para a emancipação e a construção de uma realidade mais justa e igualitária. Dizemos isso, pois segundo Freire (2013, p. 102), quando os indivíduos percebem as situações-limite

não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela

percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação.

Tendo em mente que a situação-limite pode ser entendida como uma barreira a ser vencida, e não como uma barreira a ser aceita, podemos vislumbrar o inédito viável, definido como a capacidade de “perceber mais além das ‘situações-limite’” (Freire, 2013, p. 116). Assim, situação-limite é uma saída inesperada, uma ação até então desconhecida que possibilitará ao indivíduo transpor o limite que lhe foi posto, sendo assim, uma “ação libertadora, que é histórica, sobre um contexto, também histórico” (Freire, 2013, p. 102), sendo esta ação chamada de ‘ato limite’ (Freire, 2013).

Ademais, Freire (2013, p. 99, acréscimo nosso) pontua que esta “superação, que não existe fora das relações homens-mundo, somente pode verificar-se através da ação dos homens [e das mulheres] sobre a realidade concreta em que se dão as ‘situações-limite’”. Assim, o inédito viável se dá em um processo de tomada de consciência que ocorre dentro das interações entre as pessoas e o mundo ao seu redor, sendo a ação dos indivíduos sobre a ‘realidade concreta’ (Freire, 2013). Para Freire (2013), a superação não é um conceito abstrato, mas algo que ocorre por meio da intervenção ativa das pessoas na realidade que enfrentam. A ênfase está na práxis, na ação transformadora sobre a realidade, alinhando-se à visão do autor sobre a educação como um processo emancipatório, onde conscientização e ação coletiva são fundamentais para uma transformação na sociedade. Dessa forma, “o próprio dos homens [e das mulheres] é estar, como consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento com sua realidade em que, historicamente, se dão as ‘situações-limite’” (Freire, 2013, p. 99, acréscimo nosso).

Compreendemos que, como agentes históricos, nossa percepção e abordagem dos problemas objetivos são subjetivas e individuais. Por isso, o envolvimento pessoal é crucial, pois a resolução eficaz exige participação ativa. Além da singularidade das respostas destacar que cada pessoa contribui de maneira única para a solução, ressoando com a visão de Freire (2013) sobre a importância da conscientização crítica, da ação coletiva e da abordagem individual na construção de uma sociedade que seja mais. Assim, corroboramos Freire (2013, p. 98, acréscimo nosso) ao dizer que

não são as “situações-limite”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens [e as mulheres] tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma,

se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens [e as mulheres] a se empenharem na superação das “situações-limite”.

Diante disso, retomamos o conceito de consciência, abordado anteriormente, uma vez que a forma como as pessoas veem as ‘situações-limite’ pode atuar como um impedimento, um freio, que as torna aparentemente insuperáveis. Isso porque a ausência de uma consciência transitiva atua como um obstáculo, tornando essas situações aparentemente insuperáveis. No entanto, ao ocorrer uma mudança na percepção, especialmente quando fundamentada em uma consciência crítica, surge um ambiente propício para a esperança e confiança. Quando os indivíduos passam a encarar as situações-limite como desafios a serem superados, ao invés de obstáculos intransponíveis, isso impulsiona a ação-limite. Essa percepção crítica, quando traduzida em ação, motiva as pessoas a dedicarem-se à superação de suas amarras sociais.

Em síntese, inspirados por Freire, compreendemos que o processo educacional engloba o movimento de transitar da consciência. Sendo essa jornada facilitada por meio do diálogo, meio essencial que permite a troca de ideias, a constituição coletiva do conhecimento e a formação de uma consciência crítica. Nesse percurso, é necessário olhar para as Situações-Limite, momentos desafiadores que demandam reflexão profunda e a busca por soluções inovadoras e buscar o Inédito Viável, representando a possibilidade de transformar desafios aparentemente intransponíveis em oportunidades concretas de mudança.

Diante disso, nesse texto buscamos aprofundar a análise dos dados da pesquisa anteriormente retratada, tendo como base os estudos de Paulo Freire. Essas concepções são fundamentais para entender aspectos da EF e do neoliberalismo na Educação. A metodologia e a análise dos dados serão exploradas à luz da perspectiva freiriana, contribuindo para uma compreensão mais profunda dessas temáticas.

## **DESDOBRAMENTOS FREIRIANOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

Durante essa seção buscamos articular as vozes dos sujeitos da pesquisa revisitada (Menecucci, 2023), com as de Paulo Freire, de outros autores e as nossas. Nesse movimento, destacamos que os trechos apresentados pertencem a cinco grupos, cada um dedicado à discussão de diferentes temas relacionados à EF. Nos diálogos, uma variedade de perspectivas, aspectos e posturas associadas à EF emergiu de maneiras e em momentos distintos em cada grupo. Apesar dessa diversidade, as declarações se entrelaçam e se

complementam, formando uma teia complexa. Por isso, ao conduzir a análise, optaremos por uma abordagem não linear dos grupos, preferindo explorar os conceitos introduzidos pelos sujeitos da pesquisa.

Para iniciar, trazemos a indagação de um grupo acerca da natureza da EF presente em seu vídeo ao questionarem: “Seria um vídeo que traria informações suficientes?” (Menecucci, 2023, p. 103). Posteriormente, concluem que não, já que identificaram a necessidade de uma *playlist* para possibilitar uma reflexão mais aprofundada sobre o tema e buscar articular uma resposta acerca de sua natureza (Menecucci, 2023). Nesse contexto, como professores, ao observarem a EF e o tempo necessário para abordar o tópico com profundidade, evidenciam a complexidade com que compreendem a EF. Ao analisarmos essa situação à luz de Freire (2011, p. 14), entendemos que isso se dá, pois o ensino “[...] não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. Isso porque, a consciência crítica é problematizadora, não permitindo uma abordagem isolada de um conteúdo, uma vez que inúmeros fatores influenciam e afetam essa realidade (Freire, 2013).

Diante disso, eles explicitam a importância do questionamento e do diálogo ao expressarem o desejo por: “Trazer um pouco aí esse ar de questionamento no vídeo” (Menecucci, 2023, p. 109), e de retratar o tema como se estivessem “conversando (com o espectador) né... Aconteceu isso, mas por quê? E daí a gente entra explicando /.../ expor o problema e falar: olha aconteceu isso e porque...” (Menecucci, 2023, p. 109).

O que está em concordância com as discussões dos demais grupos, ao, por exemplo, retratarem o sentimento de merecimento de algo: “Tá você merece, mas por que que você pensa desse jeito? De onde vem esse pensamento? Como que era lá atrás?” (Menecucci, 2023, p. 93). Ou, ainda, quando outro grupo expõe os destinos dos diversos impostos existem no Brasil, ao dizerem: “Eu acho que gosto mais dessa ideia de pegar um conhecido de cada um e falar do que que ele é e para onde ele vai” (Menecucci, 2023, p. 113). Esses e outros trechos expressam a intenção de incentivar os alunos a questionarem as circunstâncias de suas vidas e refletirem criticamente sobre suas histórias. Essa abordagem fundamenta-se no diálogo e na utilização dos conhecimentos prévios dos estudantes. Isso, porque, segundo o dicionário de Paulo Freire,

o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o

compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso ethos cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca (Streck; Redin; Zitkoski, 2017, p. 117).

Assim, alçar a criticidade demanda a prática do diálogo, que permite uma análise do passado, a consciência do presente e a aspiração por uma transformação no futuro, tanto a nível individual quanto coletivo. O diálogo, defendido por Freire, é considerado vital na formação de cidadãos, transcende o ambiente escolar e revela-se de extrema importância para lidar com situações cotidianas, como mostra os trechos a seguir

Um pai tava indo na loja, comprar uma televisão. “ah, a sua quebrou?”, “não, é para meu filho”, “o que foi que aconteceu, você já não tem uma televisão?” “tenho, mas os dois estão brigando porque um quer fazer uma coisa na televisão e o outro quer fazer outra, então eu vou comprar uma televisão para não ter mais briga”. Só que aí vai gerar outra briga, porque quem vai ficar com a televisão mais nova né! /.../ o pai perdeu uma excelente oportunidade conversar sobre o acordo, do planejamento, a questão de se organizarem entre si (Menecucci, 2023, p. 88).

A questão do diálogo que é o mais importante de tudo, ele nem quis conversar e nem colocou os filhos para conversar para resolver esse problema, então ele preferiu comprar outra televisão que com certeza vai gerar outro problema para ele... É um efeito dominó... São coisinhas, atitudes que você pensa “ah ele resolveu o problema”, não ele não resolveu e ainda vai desencadear outros (Menecucci, 2023, p. 89).

Ao descrever uma situação que vivenciou, o indivíduo destacou a relevância do diálogo como meio de reflexão e catalisador de mudanças, pois segundo Freire (1993), o diálogo assume o sentido de dizer e fazer no mundo. Diálogo, dessa forma, pode ser entendido como verdadeiras “práxis social comprometida com o processo de humanização, em que ação e reflexão estão dialeticamente constituídas” (Streck; Redin; Zitkoski, 2017, p. 117). Assim, o diálogo se mostra extremamente relevante para a EF. Ele é mais do que uma troca de informações; é uma constituição colaborativa de conhecimentos, bem como, de grande importância para a democratização do aprendizado, desmistificação de conceitos financeiros e formação de uma educação libertadora. O diálogo possibilita a conscientização sobre questões financeiras, incentiva os participantes a questionarem estruturas existentes, promove uma abordagem crítica ao sistema econômico e fundamenta a constituição de um aprendizado significativo baseado no respeito mútuo e na compreensão das experiências individuais e coletivas em relação às finanças. Ademias, conforme apresentado no trecho a seguir, o diálogo é instrumento de transformação social

Você sabe que existe uma situação, a coisa está lá, sabe que precisa de mudança, mas você não faz nada. /.../ não é uma mágica que você vai fazer que amanhã tá tudo bem /.../ por isso que o diálogo, a orientação é importante, porque se a pessoa dá um passo em prol de uma grande responsabilidade ela vai ter que assumir essa responsabilidade e isso em qualquer aspecto (Menecucci, 2023, p. 91).

O processo delineado é o que Paulo Freire (2013) denomina de transição da consciência transitiva ingênua para a consciência transitiva crítica. Inicialmente, a pessoa se resigna diante de sua realidade, adotando uma postura fatalista. Mesmo ao reconhecer a necessidade de mudanças, ela permanece inerte, acreditando que não há ações a serem tomadas, ou seja, não se dispõe a assumir responsabilidade ou corresponsabilidade por sua própria condição. Em um segundo momento, é evidenciado um pensamento comprometido com a transformação e, conseqüentemente, crítico. Há, também, o desejo por enfrentar as situações-limites impostas pela sociedade e alcançar o inédito viável (Freire, 2013).

Assim, o diálogo como convite à consciência crítica se mostra imprescindível ao olharmos para EF em um contexto neoliberal, pois, muitas vezes, permanecemos na consciência intransitiva e acabamos por reforçar os ideais neoliberais, olhando para as pessoas apenas como uma relação de lucro ou prejuízo e com prazo de validade. Isso é expresso no trecho em que um grupo discute o trabalho na gravidez: “Tinha uma menina grávida trabalhando /.../ e tinha gente falando ‘Como é que ela tá aqui? Por que ela tá aqui? Como aceitaram ela?’ eu falei, né ‘Como assim, como que aceitaram ela?’” (Menecucci, 2023, p. 95) e completa “Que grávida que está em plena pandemia não vai querer estar em casa? Se ela tá lá é porque ela precisa” (Menecucci, 2023, p. 95). Com isso, vemos a influência do mercado e do capital na forma como as pessoas veem umas às outras como objetos descartáveis, o que está em desacordo com Freire, pois segundo ele “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações-limite” em que os homens [e as mulheres] se acham quase coisificados (Freire, 2013, p. 103, acréscimo nosso). Diante disso, como professores, segundo Freire (2000, p. 56) uma situação-limite que somos convidados a buscar um inédito viável é o

discurso neoliberal e de sua prática educativa no Brasil e fora dele, a recusa sistemática do sonho e da utopia, o que sacrifica necessariamente a esperança. A propalada morte do sonho e da utopia, que ameaça a vida da esperança, termina por despolitizar a prática educativa, ferindo a própria natureza humana

O medo do discurso neoliberal e a supressão da educação como ato político é expresso por diversos sujeitos da pesquisa, como quando um deles diz: “Precisa ser um vídeo

que não tende exatamente para um lado de forma muito clara para que fique aceitável de assistir na escola, porque se esse é o fim (fazer um vídeo crítico) a gente tem que promover o meio termo ali” (Menecucci, 2023, p. 100). E complementam: “Eu realmente me preocupo um pouco com esse teor acusatório (do vídeo) justamente por conta também de que assim: estar esperto com as coisas que a gente traz para escola para não ser acusado de professor comunista” (Menecucci, 2023, p. 100). Ou ainda, ao debater os impactos políticos na EF e o posicionamento dos professores frente a essa realidade, outro grupo expressa: “eu até nem poste nada, porque... Porque eu tenho muito aluno e daí uma decisão que eu tô pensando sobre é excluir todos eles das minhas redes sociais, porque vai dar B.O. para cima de mim, é f\*\*\* trabalhar em escola privada” (Menecucci, 2023, p. 130, exclusão nossa).

Os trechos abordados refletem a despolitização da educação e a coação dos professores ao expressarem que são incentivados a treinar os indivíduos para que eles contribuam com o sistema que os oprime. Dizemos isso, pois o discurso neoliberal, muitas, vezes reforça que a escola não deve ser política – o que, por si só, é um ato político -, mas sim formar técnicos, porém corroboramos Freire (2000, p. 57) ao dizer que

Despolitizando a educação e reduzindo-a ao treino de destrezas, a ideologia e a política neoliberais terminam por gerar uma prática educativa que contradiz ou obstaculiza uma das exigências fundamentais do próprio avanço tecnológico. A de como preparar sujeitos críticos capazes de responder com presteza e eficácia a desafios inesperados e diversificados. Na verdade, o treinamento estreito, tecnicista, habilita o educando a repetir determinados comportamentos. O de que precisamos, contudo, é algo mais do que isto. Precisamos, na verdade, de saber técnico real, com o qual respondamos a desafios tecnológicos. Saber que se sabe compondo um universo maior de saberes. Saber que não estranha legítimas perguntas a serem feitas em torno dele: em favor de que ou de quem; contra que ou contra quem é usado. Saber que não se reconhece indiferente à ética e à política, mas não à ética do mercado ou à política desta ética. O de que precisamos é a capacidade de ir mais além de comportamentos esperados, é contar com a curiosidade crítica do sujeito sem a qual a invenção e a reinvenção das coisas se dificultam.

Diante desse contexto, enfatizamos a necessidade de uma luta ativa pela busca de equidade, justiça social, valorização da dignidade humana e promoção de uma educação que propicie a formação de cidadãos críticos. Não podemos aguardar que as injustiças, as pressões, as coações, os preconceitos e as disparidades se alterem de forma espontânea. Uma transformação requer um processo, sendo crucial que os indivíduos estejam conscientes disso e, assim, engajem-se na luta pela emancipação.

Dizemos isso, pois a emancipação é “uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas

desumanizadas pela opressão e dominação social” (Streck; Redin; Zitkoski, 2017, p. 145). Ademais, salientamos que “tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades” (Streck; Redin; Zitkoski, 2017, p. 146). As dificuldades são múltiplas, mas há sempre um inédito viável e o silenciamento frente às opressões nunca será um. É necessário lutar, sobretudo no âmbito político, conforme expresso pelo sujeito da pesquisa ao indagar: “Vocês estão preparadas para ano que vem, que vai ser ano de eleição? Vocês imaginam como vai ser a sala de aula? Vai ser uma luta! E eu vou lutar, não quero nem saber, eu não vou ficar mais em cima do muro” (Menecucci, 2023, p. 114).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que apresentamos nesse artigo, perpassando a dissertação que o inspirou, refletindo sobre a EF e o neoliberalismo e adentrando em conceitos freirianos, podemos compreender que, mesmo que inicialmente Freire não fosse o referencial da pesquisa, conceitos como consciência crítica, diálogo, situação-limite e inédito viável dialogam e inspiram aqueles que buscam uma EF crítica e libertadora. Assim, é possível, pelas lentes freirianas, vislumbrar a EF como possibilidade de uma Educação Libertadora e não como uma Educação Neoliberal, como prega a OCDE (OCDE, 2005) e os países que, assim como o Brasil, são incentivados por ela.

Entendemos, também, que a EF pode ser uma ferramenta poderosa para uma educação crítica, auxiliando as pessoas a compreenderem suas realidades e desafiando-as a superar limites, a sonhar e a cultivar a esperança. A interseção entre a EF e os princípios freirianos oferece uma perspectiva valiosa para o desenvolvimento de uma educação transformadora e consciente, incentivando os sujeitos a transcenderem as barreiras impostas e a vislumbrarem um futuro mais justo e equitativo.

Diante disso, um desafio comum para nossa visão de EF e os ideais defendidos por Freire é o neoliberalismo, mas diante dele temos a certeza de que os “discursos neoliberais, cheios de “modernidade”, não têm força suficiente para acabar com as classes sociais e decretar a inexistência de interesses diferentes entre elas, bem como não têm força para acabar com os conflitos e a luta entre elas” (Freire, 1997, p. 21). Se tivermos uma consciência crítica, mesmo em uma sociedade neoliberal, sempre haverá um exame profundo e reflexivo da realidade, questionando e revisitando os fundamentos autênticos da democracia, sistemas dinâmicos, fluidos e propensos ao diálogo (Freire, 1997, p. 67). De forma que as pessoas

não se contentem com a estagnação ou com o silêncio; em vez disso, estejam constantemente se engajando em um processo de constante transformação e busca de inéditos viáveis.

Por fim, lembramos que superadas essas situações-limite com a transformação da realidade, novas surgirão, provocando a necessidade de novos inéditos viáveis (Freire, 2013). Conscientes disso não somos paralisados, mas lembrados que em nossa incompletude está também possibilidade de ser mais e educação, mesmo não podendo resolver tudo, “é exatamente não podendo tudo que pode alguma coisa, e nesse poder alguma coisa” (Freire, 2019, p. 39). Se algo podemos é porque há muito mais o que ser.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## **REFERÊNCIAS**

- AVCI, Bülent. **Critical Mathematics Education: Can Democratic Mathematics Education Survive under Neoliberal Regime?**. Leiden, The Netherlands: Brill. v. 1. 178 p. 2018.
- BARONI, Ana Karina Cancian. **Educação Financeira no Contexto da Educação Matemática: possibilidades para a formação inicial do professor**. 2021. 253 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa em Educação Matemática. **Pro-Posições**, v. 4, n. 1, p.18-23, 1993.
- BRASIL. Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. **Vida e dinheiro**, 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54a ed., Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, Paulo. Esquerdas e direita. IN: FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 12a ed., Paz e Terra: Rio de Janeiro, p. 103 – 124, 2019.

FREITAS, Luiz C. **A Reforma Educacional da Educação: nova direita, velhas ideias**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

HARTMANN, Andrei Luís Berres. **A educação financeira nos cursos de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista – UNESP**. Rio Claro, 2021.

Disponível em: content (unesp.br).

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: edições Loyola, 2005.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Editora Planta, 2004.

MACHADO, Ana Victória Delmiro; VERBICARO, Loiane Prado, REBELO, Thayná Monteiro; FERREIRA, Valeska Dayanne Pinto. A construção da sociedade neoliberal brasileira: qual o lugar da democracia? **Revista Direito e Práxis**, p. 1 – 36, 2023.

MAZZI, Lucas Carato; BARONI, Ana Karina Cancian. Diálogos possíveis entre Educação Financeira e Educação Matemática Crítica. In: BARONI, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. D. (Org.). **Uma abordagem crítica da educação financeira na formação do professor de matemática**. 1ed. Curitiba: Appris, 2021, v. 1, p. 37-53.

MENECUCCI, Fabio Alves. **Neoliberalismo, consumismo e educação financeira: reflexões de cidadãos-professores-estudantes de pós-graduação em Educação Matemática**. 2023. 175 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2023.

OECD. **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies**. OECD, 2005.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.